



Abimael Francisco do Nascimento*
Francisco Gomes Duarte**

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o projeto eclesial do Papa Francisco, a “Igreja em saída”, apresentado no documento inaugural de seu pontificado: a Exortação *Evangelii Gaudium*. Buscou-se arrazoar que a eclesiologia que sustenta a Exortação e o governo pastoral do papa é a do Povo de Deus que, por sua vez, fundamenta a reforma da “Igreja em saída”, notadamente missionária e sinodal. A riqueza dessa concepção ganhou força no Concílio Vaticano II e na Igreja da América Latina. Igreja em saída significa uma Igreja que não é autorreferenciada, mas caracterizada pela coragem de dialogar com o mundo e de ir ao encontro dos pobres e marginalizados, fomentando a urgente tarefa da globalização da solidariedade no cuidado com o pobre e com a Casa Comum.

Palavras-chave: *Evangelii Gaudium*. Igreja em saída. Povo de Deus. Pobres.

The pastoral proposal of Pope Francis present in the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*

ABSTRACT

The present article aims to reflect on Pope Francis’ ecclesial project, the project of the “Church on the move” presented in the inaugural document of his pontificate, the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*. We seek to develop it by showing that the ecclesiology that supports the Exhortation and the papal pastoral government is the ecclesiology of the People of God, which underlies the reform of the missionary and synodal “Church on the move”. The richness of this conception gained strength in the Second Vatican Council and in the Church of Latin America. Church on the move means a Church that is not self-referential but has the courage to dialogue with the world, that reaches out to the poor and marginalized, promoting the urgent task of globalizing solidarity in caring for the poor and the Common Home.

Keywords: *Evangelii Gaudium*. Church on the move. People of God. Poor.

A proposta pastoral do Papa Francisco presente
na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2023). Mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2013) e em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2018). Graduação em Filosofia pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (2003) e em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2010). Atualmente é professor da Faculdade Católica de Fortaleza nos cursos de Filosofia e Teologia e Pós-graduação *Lato Sensu*. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática, atuando principalmente nos seguintes temas: teologia, ética, antropologia, judaísmo e fenomenologia. E-mail: mento22000@yahoo.com.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3807295295652812>.

** Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós-graduado em Psicopedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). E-mail: gomesduarte2017@gmail.com.

Introdução

O Concílio Vaticano II (1962-1965) constituiu uma verdadeira “revolução copernicana” para o conjunto de toda a Igreja, porquanto mudou seus rumos, na medida que uma das riquezas e novidades por ele trazidas foi a ideia de “Povo de Deus”. Com efeito, a eclesiologia do Concílio foi recebida criativamente na América Latina. As conferências do episcopado latino-americano e caribenho, desde Medellín até Aparecida, ofereceram contribuições inovadoras e efetivas para a evangelização na atualidade. O Concílio adotou como o cerne de suas preocupações o diálogo com o mundo moderno e, por conseguinte, a Igreja latino-americana e do Caribe procurou traduzir os anseios e as decisões do evento conciliar, sobretudo reafirmando aquela que foi a motivação inicial da convocação do Concílio pelo Papa João XXIII: o estabelecimento de uma Igreja pobre e para os pobres.

O Papa Francisco, com paciência e lucidez interpretativa, retoma o espírito e as decisões fundamentais do referido Concílio. Ele faz da centralidade dos pobres e marginalizados, das pessoas em situação de sofrimento e do cuidado com a Casa Comum as características mais marcantes e os aspectos mais determinantes do seu governo pastoral à frente da Igreja.

Mediante tal constatação, buscar-se-á mostrar nesse artigo que no documento inaugural do pontificado do Papa Francisco são imensuráveis os seus esforços para retomar as contribuições conciliares. O projeto eclesial do Papa Francisco está intrinsecamente em comunhão com o Concílio Ecumênico Vaticano II. Não há como separá-los e fazê-lo seria despropositado. Com efeito, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho) acena para a preocupação central do Papa Francisco: a fundamentação de uma Igreja em saída para as periferias geográficas e existenciais. Nesse sentido, será abordado como tem se desenvolvido a retomada do processo de renovação eclesial, a proposta de reforma de Francisco em prol de uma Igreja missionária e da sinodalidade, bem como os desafios e as resistências ao projeto pastoral do Bispo de Roma.

Serão apresentados os elementos fundamentais da “Igreja em saída” rumo às periferias sociais e existenciais, demonstrando também que essa proposta tem gerado incômodos e tensões pelo mundo inteiro. Tal projeto defende o êxodo da

autorreferencialidade e o imperativo da Igreja testemunhar no mundo a alegria do Evangelho. Como já afirmado, ele está em sintonia com a eclesiologia neotestamentária retomada pelo Concílio.

1 Igreja em saída para as periferias: projeto eclesial do Papa Francisco

Desde quando Francisco foi eleito Bispo de Roma, em 13 de março de 2013, encaminhou ao Vaticano pautas sociais mais próximas dos problemas enfrentados na América Latina e em todo o restante da periferia do mundo. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho, em latim), que serve como uma espécie de plano de governo, o Papa elucida a missão evangelizadora da Igreja como servidora do mundo¹ e destaca quais seriam as ideias mestras de seu pontificado. Nesse sentido, os discursos e os gestos de Francisco são intermináveis, comovedores e muito simbólicos. Com efeito, ele prioriza a dignidade humana não só com palavras, mas com atitudes, como exemplifica a visita à Ilha de Lampedusa, em julho de 2013².

Na Carta Apostólica *Misericórdia et Misera*, de 20 de novembro de 2016, o Papa insiste no dever de resgatar a dignidade da vida humana, contexto em que denuncia a “cultura do individualismo exacerbado, que leva a perder o sentido de solidariedade e responsabilidade para com os outros” (MM, 18). No final do documento, que

¹ “Trata-se da disponibilidade de pôr em prática a solidariedade para com pessoas necessitadas, quaisquer que sejam. Também é preciso estar prontos para sair do seu caminho, como fez o samaritano. [...] Nos anos conciliares, falou-se com insistência de uma Igreja pobre e servidora. [...] A colocação em prática dessa exigência evangélica teve uma série de vicissitudes, de ir e vir, de apoios e resistências, mas de qualquer forma, nunca esteve ausente na vida da Igreja do nosso continente. [...] O caminho percorrido é confirmado e sustentado hoje pela palavra decidida do Papa Francisco, que quer ‘uma Igreja pobre e para os pobres’” (MULLER, 2014, p. 138-139); “O serviço da caridade sempre esteve presente na vida da Igreja, embora nem sempre com a mesma intensidade e criatividade. E os grandes movimentos de renovação espiritual da Igreja ao longo da história têm como uma de suas marcas principais, senão sua marca principal, o cuidado com os pobres. A ‘volta às fontes’ é sempre, em boa medida, uma volta aos pobres. A renovação da Igreja se dá antes de tudo na e pela diaconia aos pobres. [...] O serviço da caridade desenvolvido pela Igreja no decorrer dos séculos se deu de formas e em níveis diferenciados” (AQUINO JÚNIOR, 2016, p. 17-18).

² Na homilia do Papa Francisco proferida na Ilha de Lampedusa, em julho de 2013, ele afirmou: “Peçamos ao Senhor a graça de chorar pela nossa indiferença, de chorar pela crueldade que há no mundo, em nós, incluindo aqueles que, no anonimato, tomam decisões socioeconômicas que abrem a estrada aos dramas como este. ‘Quem chorou?’ Quem chorou hoje no mundo? Senhor, nesta Liturgia, que é uma liturgia de penitência, pedimos perdão pela indiferença por tantos irmãos e irmãs; pedimo-Vos perdão, Pai, por quem se acomodou, e se fechou no seu próprio bem-estar que leva à anestesia do coração; pedimo-Vos perdão por aqueles que, com as suas decisões a nível mundial, criaram situações que conduzem a estes dramas” (PAPA FRANCISCO, 2013, s./p.).

encerrou o Ano da Misericórdia, o Papa instituiu o Dia Mundial dos Pobres, a ser celebrado no 33º Domingo do Tempo Comum (MM, 21).

Sem dúvida, é possível afirmar que as ideias mestras do pontificado de Francisco são a *dignidade humana*, a *misericórdia* e a *alegria*. Os seus gestos de misericórdia ultrapassam as fronteiras da Igreja Católica, porquanto são expressões de sua fé em Jesus de Nazaré, que é o rosto da misericórdia do Pai. Jesus oferece lugar aos que não encontram espaço na convivência humana. Acolhe os que não são acolhidos: os imorais, as prostitutas e os pecadores (cf. Mt 21,31-32; Lc 7,37-50; Jo 8,2-11); os hereges pagãos e os samaritanos (cf. Lc 7,2-10; 17,16; Mc 7,24-30; Jo 4, 7-42); os impuros, os leprosos e os possessos (cf. Mt 8, 2-4; Lc 17,12-14; 11, 14-22); os marginalizados: mulheres, crianças, doentes de todo tipo (cf. Mc 1, 32-34; Mt 8, 17; 19, 13-15; Lc 8, 1-3); os colaboradores do Império, os publicanos e os soldados (Lc 18, 9-14; 19,1-10); os pobres e o povo sem poder (cf. Mt 5,3; Lc 6, 20.24; Mt 11, 25-26). Jesus anuncia o Reino para todos! Não exclui ninguém. Mas o anuncia a partir dos excluídos.

Papa Francisco, em seu cotidiano como pontífice, enseja essa verdade de modo inquestionável. Solicita que todos se deixem guiar pelas palavras do Apóstolo: “Deus encerrou a todos na desobediência, para compadecer-se de todos” (Rm 11,32). Sem excluir ninguém, todos são chamados, na Igreja, a viver a misericórdia, sabendo que podem fixar o seu olhar em Jesus, “sumo sacerdote compassivo e acreditado diante de Deus” (Hb 2,17). A insistência na misericórdia nasce da centralidade que, na vida e na pregação do Papa, tem a pessoa de Jesus. Na vida histórica de Jesus de Nazaré, se evidencia que “a misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta” (MV, 6).

A alegria de Francisco está em continuidade com a prioridade da dignidade humana e a centralidade da misericórdia de Deus. A Igreja que o Papa Francisco deseja é evangelizadora e misericordiosa, pobre e para os pobres (EG, 198), uma Igreja “em saída” (EG, 20), de portas abertas (EG, 47), evangelizada e evangelizadora na Palavra de Deus (EG, 174), disponível para a ação do Espírito Santo (EG, 259-

261; 280). Uma Igreja aberta aos problemas reais da humanidade³, em diálogo com o mundo atual, praticando o ecumenismo e o diálogo interreligioso. Aos que acusam o Papa Francisco de revolucionário, e até de mesmo de comunista, o Bispo de Roma responde que é apenas um continuador do Concílio⁴ Vaticano II e dos papas anteriores, cujos documentos cita frequentemente. Com efeito, a Igreja do Concílio Vaticano II se reconheceu “santa e sempre necessitada de purificação” (LG, 8).

1.1 João e o Concílio Vaticano II

O Papa João XXIII foi eleito bispo de Roma em 28 de outubro de 1958. De forma inesperada, no encerramento da 51ª Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, que no hemisfério norte é celebrada no mês de janeiro, anunciou “tremendo um pouco de comoção, mas ao mesmo tempo com humilde resolução de propósito, o nome e a proposta de um [...] concílio geral para a Igreja universal” (ALBERIGO, 1995, p. 395). Neste momento, a Igreja iniciou um caminho institucional de diálogo com o mundo moderno, se colocando em um processo de *aggiornamento*⁵.

O Concílio Ecumênico Vaticano II insistiu em abrir caminhos de valorização à comunhão, à participação e à partilha na Igreja, bem como em sua inserção na sociedade em atitude de diálogo e de serviço. A Igreja definiu-se como “como sacramento universal de salvação”, propondo-se superar os tempos de conflitos e condenações e proclamando a “vocação universal à santidade” (LORSCHIEDER, 2005, p. 6).

Em 11 de outubro de 1962 ocorreu a solenidade de abertura e foram iniciados os trabalhos do Concílio Ecumênico Vaticano II⁶. Nela, João XXIII proferiu o discurso

³ “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, 1).

⁴ “Depois do Concílio Vaticano II, já se pode pensar a vivência da fé fora da indissociabilidade do trinômio Igreja-Reino-mundo” (BRIGHENTI, 2016, p. 77).

⁵ *Aggiornamento* é o termo que acabou caracterizando a proposta do Papa João XXIII quando convocou um concílio para toda a Igreja. Trata-se de um vocábulo italiano que significa “colocar em dia”, atualizar-se. A palavra é muito simbólica e representativa com relação ao que de fato significou o Vaticano II, que mudou completamente a maneira da Igreja se compreender e se colocar no mundo, como portadora da mensagem do Evangelho.

⁶ “Pode-se dizer que o Vaticano II começou efetivamente no dia seguinte à sua conclusão, em 8 de dezembro de 1965. Na Audiência de 12 de janeiro de 1966, o Papa Paulo VI reconhecia esse desafio de colocar o Concílio em prática, comparando-o a um rio que iniciava seu fluxo e se dispunha para a

Gaudet Mater Ecclesia. Considerado um papa de transição, ele abriu as portas da Igreja para o diálogo com mundo moderno. Destarte, João XXIII observou a necessidade da Igreja estar atenta aos sinais dos tempos. Por muitos séculos, ela esteve fechada em uma dogmática *intra ecclesia*. De acordo com Valentini (2011, p. 16):

João XXIII foi bem claro ao propor o Concílio. Este não seria um Concílio para combater erros. Não se tratava de condenar heresias. Seria um concílio para pôr em dia a Igreja. Era a “renovação”, o *aggiornamento*, palavra italiana que a partir daí passou para o dicionário universal, tanto foi repetida pelo Papa. Já era significativo o fato de ter sido anunciado na semana de orações pela união dos cristãos.

Foram muitas as discussões suscitadas pela realização do Concílio, mormente conversas e reflexões acerca do que é a Igreja, uma vez que o evento conciliar foi essencialmente eclesiológico e pastoral. Predominaram os debates sobre o mistério da Igreja e a missão que lhe foi confiada e que, com generosidade, ela é constantemente convocada a desempenhar no mundo. Importantes padres conciliares, como os cardeais Suenens, Montini, Lercaro e Alfred Ancel, tomaram a palavra para falar do projeto eclesiológico, isto é, de como a Igreja se autocompreende.

É verdade que aquilo que o grupo representado por esses padres conciliares desejava não chegou a ser institucionalmente assumido pelo Concílio, como, por exemplo, a questão da “Igreja dos pobres”, o que o próprio Papa João XXIII expressou que poderia ser uma temática central nas discussões do evento. Com efeito, o desejo

Igreja como tarefa para o futuro. E esse rio avançou certamente por terrenos nunca previstos, fecundou novas terras e produziu frutos com sua água sempre viva. Por outro lado, foi um rio represado por muitas frentes eclesiais que temiam sua força; foi desviado de seu curso e canalizado para diferentes direções. Contudo, o rio jamais secou seu fluxo. Continua correndo na direção do Reino, levando seus viajantes, ora cansados e temerosos, ora destemidos e esperançosos. O Vaticano II não foi somente um evento do passado, mas constitui, de fato, o hoje da Igreja católica, a fonte de onde a Igreja retira o sentido fundamental para sua caminhada histórica e para o diálogo com a realidade atual” (DOMEZI, 2014, p. 9). O Concílio provocou uma mudança muito grande na Igreja: “Sem dúvida nenhuma, o Concílio Vaticano II (1962-1965) foi o acontecimento mais importante e mais determinante na vida da Igreja católico-romana no século passado. Provocou mudanças profundas na compreensão, na organização e na ação da Igreja. Inaugurou uma nova etapa na história da Igreja. [...] É claro que o Concílio é um acontecimento eclesial e só pode ser compreendido dentro da Tradição eclesial. Nesse sentido não se pode falar de ruptura ou de descontinuidade total, tampouco se pode ofuscar ou negar as rupturas que ele provocou com a mentalidade e os estilos de Igreja que se impôs nos últimos séculos” (AQUINO JÚNIOR, 2021, p. 16-17).

de uma Igreja dos pobres foi transformado em testemunho quando, no término do Concílio, em 16 de novembro de 1965, se reuniram, na Catacumba de Santa Domitila, fora de Roma, quarenta padres conciliares e lá firmaram o pacto de uma Igreja pobre e servidora. Este compromisso ficou conhecido como *Pacto das Catacumbas*⁷. Para o historiador e padre José Oscar Beozzo (1993, p. 11): “O Concílio permitiu não só uma primavera inesperada, mas que novas formas de eclesialidade fossem sendo tecidas no chão da Igreja”.

Nesse diapasão, a forma como ocorreram os desdobramentos do Concílio na América Latina foi de singular importância para uma Igreja que assumiu a opção pelos pobres⁸ como prioridade de sua ação pastoral.

[...] O magistério episcopal dos bispos latino-americanos, que se exprimiu em Medellín (1968) e em Puebla (1979), contribuiu grandemente para que a Igreja reconheça o lugar fundamental dos excluídos, dos marginalizados e das vítimas sistêmicas da injustiça socioeconômica, política, eclesial, familiar etc. na sua vida comunitária e na sua missão (FIUC, 2017, p. 91).

O Concílio Vaticano II, como nenhum outro na história, reuniu padres conciliares provenientes de vários lugares do mundo, o que o tornou realmente ecumênico. O evento contou com a presença de padres com alto nível de formação acadêmica, pastoral e religiosa. Além deles, havia uma equipe de peritos de elevada envergadura. Certamente tais presenças auxiliaram a construir um Concílio que produziu uma grande virada. De acordo o teólogo Libânio (2005, p. 88; 91; 94):

⁷ Faltando três semanas para o encerramento do Concílio Ecumênico Vaticano II, nas Catacumbas de Santa Domitila, na periferia de Roma, de maneira discreta, um grupo de padres conciliares celebrou a Eucaristia sobre o túmulo dos mártires Nereu e Aquileu e assinou um compromisso de vida, trabalho e missão que ficou conhecido como Pacto das Catacumbas. Esses pastores mostraram com seu testemunho e sensibilidade pastoral que desejavam uma Igreja servidora e pobre. Mostraram também uma nova compreensão de teologia, que dá centralidade aos pobres, que vê neles o critério de fidelidade à pessoa de Jesus de Nazaré. Ora, dessa maneira, pode-se dizer que a questão dos pobres não é uma “opção”, mas uma nota fundamental da eclesiologia.

⁸ Um grupo de padres conciliares entendia que o Concílio precisava ter um princípio unificador e vivificador e que este devia ser a problemática da pobreza, que não fosse um entre muitos temas, mas o tema central. Era preciso que os membros do Concílio discutissem os problemas da pobreza e o anúncio evangélico aos pobres. Porém, esse tema não foi acolhido nos documentos do Concílio, que não assumiu essa direção. “O que não foi possível avançar no Concílio tornou-se realidade três anos depois na II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín, em 1968” (BEOZZO, 2015, p. 15). Pois bem, o “Papa Francisco fala indistintamente de pobres, pobrezas e periferias - sempre no plural - para se referir aos ‘mais frágeis da terra’ (EG 209), a serviço de quem deve estar a Igreja de Jesus” (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 76).

Teologicamente os textos conciliares se nutriram de abundantes citações bíblicas, refletindo quer o melhor conhecimento atualizado das fontes, quer seu uso assíduo. [...] o Concílio pôs-se sob a regência absoluta da Palavra de Deus. [...] Foi ato altamente simbólico que tenha sido precisamente o tema da Palavra de Deus que causou a primeira grande guinada no Concílio. [...] Rompeu-se o “exílio secular”, recolocando a Palavra de Deus no coração da Igreja católica. [...] O concílio rompeu com a concepção clássica da Igreja como sociedade perfeita, desigual. O tema eclesiológico estrutura bem todos os documentos do Concílio Vaticano II.

É possível afirmar que a eclesiologia é a chave principal para ler o Concílio. A Igreja se voltou sobre si mesma, se analisou e se compreendeu como Igreja Povo de Deus⁹ a caminho do Reino definitivo. Ela vive a tensão escatológica da presença do Senhor Crucificado-Ressuscitado e da fragilidade de sua situação imperfeita em direção à plenitude. A partir da sua autocompreensão como Povo de Deus¹⁰, se fundamenta a valorização dos cristãos leigos e leigas, a unidade na pluralidade e as Igrejas particulares.

Dito isso, fundamentalmente se constata que o que Francisco vem realizando na Igreja é assumir, com fidelidade e consciência, os processos que precisam acontecer mediante o que foi acolhido pelo Concílio e por seus desdobramentos na América Latina, sobretudo na consagrada opção pelos pobres¹¹, prioridade da ação pastoral.

A Conferência Episcopal Latino-Americana e do Caribe (CELAM) serviu como órgão para concatenar o desenvolvimento de uma nova mentalidade eclesial sobre a pastoral nessa parte do mundo. A recepção de uma Igreja voltada para os problemas e para a vida dos pobres, em um continente devastado pela miséria e pelas

⁹ O Concílio reforça com vigor o caráter essencialmente comunitário e fraterno da vida cristã e da esperança no Reino de Deus. Vida e esperança comunitárias devem ser expressas na solidariedade afetiva e efetiva, na liturgia, no testemunho e na orientação do serviço ao mundo. A novidade trazida pelo Vaticano II é a expressão “Povo de Deus”, que reforça o caráter da ministerialidade de toda a Igreja. A Igreja é ministerial. Todos os sujeitos eclesiais devem viver e praticar com fidelidade, como dons do Espírito, as funções e carismas, para o serviço humilde da comunidade eclesial. A comunidade, por sua vez, deve ser servida para crescer de modo constante e com ardor na corresponsabilidade deliberada e ativa (Cf. LG, capítulo II).

¹⁰ De acordo com o grande teólogo Libânio: “A Igreja assume uma **estrutura colegial** desde a colegialidade dos bispos com o papa até nas comunidades de base, buscando um melhor equilíbrio entre as dimensões vertical e horizontal. Afirma-se a **relevância crescente** dos leigos” (2005, p. 102, grifo do autor).

¹¹ “A opção preferencial pelos pobres, assumida pela Igreja da América Latina, vem do espírito do Concílio Vaticano II” (DOMEZI, 2014, p. 17).

desigualdades socioeconômicas, soou como uma potente voz profética que, conhecendo a realidade do povo, aponta o caminho a ser seguido.

1.2 Retomada com o Papa Francisco: “Uma Igreja pobre e para os pobres”

Com Francisco há, de maneira direta, o desejo de uma “Igreja em saída” (EG, 20), “pobre e para os pobres”¹² (EG, 198). Esses motes, inequivocamente, são a marca mais evangélica de seu governo pastoral à frente da Igreja. “No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres” (EG, 197). Ele afirma que essa opção é mais do que uma categoria sociológica, política ou cultural. “Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos” (EG, 198).

Muitos dos pronunciamentos e discursos, assim como os gestos de Francisco, sinalizam para “uma Igreja pobre e para os pobres”: pobre no jeito de ser e comprometida com os pobres e marginalizados. Quando o Papa esteve no Quênia, em 2015, visitando um bairro pobre da capital, denunciou as injustiças e a marginalização, além de alertar sobre a falta de infraestrutura adequada em bairros excluídos da sociedade. Ademais, ele destacou a sabedoria popular ínsita a esses lugares:

[...] Sinto-me em casa partilhando este momento com irmãos e irmãs que ocupam – não tenho vergonha de o dizer – um lugar especial na minha vida e nas minhas opções. Estou aqui, porque quero que saibais que as vossas alegrias e esperanças, as vossas angústias e sofrimentos não me são indiferentes. Conheço as dificuldades que enfrentais dia a dia! Como não denunciar as injustiças que sofreis? [...] A cultura dos bairros populares, permeada por esta sabedoria particular, tem características muito positivas, que são uma contribuição para o tempo em que vivemos, exprime-se em valores como a solidariedade, dar a vida pelo outro, preferir o nascimento à morte, dar sepultura cristã aos seus mortos; oferecer um lugar para os doentes na própria casa, partilhar o pão com o faminto. [...] um grave problema é a falta de acesso às infra-estruturas e serviços básicos. Refiro-me a balneários, fossas, esgotos, recolha de lixo, energia eléctrica, estradas, mas também escolas, hospitais, centros recreativos e desportivos, ateliês artísticos. Mas de modo particular refiro-me à água potável. [...] Precisamos de cidades integradas e para todos. Precisamos de ir além da mera proclamação de direitos que, na prática, não são respeitados, e promover ações sistemáticas que melhorem o habitat popular e projetar novas

¹² “A insistência de Francisco na centralidade dos pobres, marginalizados e sofredores na Igreja, não é algo conjuntural nem secundário, mas algo constitutivo e determinante de sua identidade” (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 8).

urbanizações de qualidade para acolher as futuras gerações. A dívida social, a dívida ambiental para com os pobres das cidades paga-se tornando efetivo o direito sagrado dos “três T”: terra, teto e trabalho. Isto não é filantropia, é um dever moral de todos (FRANCISCO, 2015, s/p).

O modo como Francisco compreende, vive e fundamenta suas propostas para o conjunto de toda a Igreja se alicerça na “opção pelos pobres”. Em sua Exortação Apostólica inaugural, Francisco elucida que a opção pelos pobres não é uma categoria filosófica (EG, 198) e que ela, na verdade, possui fundamentos teológicos. Trata-se de uma escolha que “está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos em sua pobreza [Papa Bento XVI]” (EG, 198). Nesse contexto, apresenta e justifica seu desejo de “uma Igreja pobre e para os pobres” (EG, 198).

Francisco acolhe e vive com alegria esse compromisso, porquanto ele sabe que:

O compromisso com os pobres não é algo absolutamente novo na vida da Igreja. Não surgiu com o Concílio Vaticano II nem com a Conferência de Medellín e a teologia da libertação, mesmo que não tenha sido sempre e em toda a parte a preocupação central da Igreja, mesmo que se tenha dado muitas vezes de maneira ambígua e até contraditório papel secundário, a preocupação com os pobres sempre foi um aspecto importante da vida da Igreja. E isso se deve, em última instância, à centralidade que os pobres, marginalizados e sofredores ocupam na revelação e na fé cristãs, como se pode verificar na Escritura e em toda a Tradição da Igreja (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 37-38).

A fé cristã afirma, através da Escritura e da Igreja, ao longo da sua tradição, que “todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres” (EG, 197). Não devem existir dúvidas sobre a opção pelos pobres e excluídos, já que eles revelam o rosto do Cristo sofredor (cf. Mt 25, 31-46). Há que se afirmar, sem rodeios e sem trepidar na profissão de fé, que “existe um vínculo indissolúvel entre nossa fé e os pobres” (EG, 48). Com isso, entende-se que “ficar surdo ao clamor dos pobres, colocá-los fora da vontade do Pai e do seu projeto” (EG, 187). A opção pelos pobres¹³ pertence ao coração do Evangelho e à proposta do Reino de amor e de verdade, de

¹³ No documento da III CELAM, a Conferência de Puebla (1979, n. 1184), a “opção pelos pobres” é afirmada como opção preferencial e solidária. Não é exclusiva e nem excludente.

justiça e de paz, anunciada por Jesus (cf. Lc 4, 14-21). A Igreja não deve duvidar de sua opção pelos pobres, porquanto ela nasce da beleza do próprio Evangelho e de sua missão evangelizadora. Com efeito, se trata de um sinal que nunca deve faltar: “a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora” (EG, 195).

2 Proposta de reforma de Francisco

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG) reflete o modo como Francisco planejou governar a Igreja. Ela retrata um espírito profundamente acolhedor e profético, o que se coaduna com uma teologia que flui de sua vida e testemunho (cf. EG, 51; 182; 184). Dentre suas intuições pastorais, se destaca a necessidade da Igreja se renovar, de ser uma “Igreja em saída” (EG, 49), uma “casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa” (EG 47), uma Igreja que assume inteiramente o dinamismo missionário de alcançar a todos, sem exceção (cf. EG, 48), que se entende como Povo de Deus (cf. EG, 114). “Em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar [...]. Em virtude do batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário” (EG, 119-120).

A *Evangelii Gaudium* indica os caminhos que a Igreja deve percorrer nos próximos anos (cf. EG, 1). Como já afirmado, ela é o documento que abre as portas do pontificado de Francisco e que apresenta o seu programa pastoral no desempenho do ministério petrino. No desenvolvimento da exortação, o Papa Francisco se mostra um profundo conhecedor dos problemas da Igreja e do mundo. Com efeito, o texto apresenta reflexões que reverberam tensões positivas e provocadoras de reação. Um dos apelos presentes na exortação é a inadiabilidade de uma renovação eclesial: “sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo” (EG, 27) para que, assim, seja alcançada a evangelização no mundo atual, e não somente a autopreservação da Igreja-instituição.

Com esse desafio, o Papa faz exortações bastante contundentes, como por exemplo: “coloque os agentes pastorais em atitude constante de saída” (EG, 27). Em um número adiante da *Evangelii Gaudium*, ele prossegue: “A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cômodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’.

Convido todos a serem ousados e criativos” (EG, 33). Para Francisco, uma pastoral em chave missionária não se mostra obcecada por doutrinas, mas se move a partir de objetivos pastorais e estilos missionários preocupados com o anúncio que se concentra no essencial, no que é mais belo e, concomitantemente, imprescindível: “Neste núcleo fundamental, o que se sobressai é a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG, 36).

As reformas que Francisco vem implementando são importantes e necessárias, porquanto têm ajudado a conferir um novo horizonte à missão da própria Igreja. Com efeito, elas tornam premente a necessidade de voltar ao Evangelho do Reino e, com ele, aos pobres e aos sofredores deste mundo. Por conta disso, Francisco tem desencadeado um processo de “conversão” e “reforma” evangélicas no interior da Igreja, e o faz ao colocar mulheres em postos importantes na Cúria Romana, ao provocar os membros da Igreja a discutir e refletir sobre o cuidado com a Casa Comum, o planeta Terra, ao questionar os gestores da economia e da política, ao defender clara e abertamente os pobres, os excluídos, os migrantes, os refugiados, os sem teto, os sem-terra, os sem trabalho.

Papa Francisco convida os cristãos a assumirem uma humanidade verdadeira, que se refaz na relação com o Cristo, Evangelho de Deus (Mc 1,1), Verbo feito carne (Jo 1,14). Esta humanidade renovada é ponto de partida para a renovação eclesial à qual o Papa tão veementemente exorta. Desejar esta humanização para todos é já o início do anúncio do Evangelho sobre bases mais sólidas (AMADO, 2014, p. 145).

Francisco explicita claramente como pretende ajudar a Igreja na necessária mudança de mentalidade dos seus membros, já que não são poucos os que no interior dela própria se opõem abertamente ao seu projeto ou fazem verdadeiros “cismas brancos” às iniciativas papais. Muitos criticam a proposta da “Igreja em saída” ou a interpretam a seu modo e, ao fazê-lo, acabam a desvirtuando do espírito original, o que os leva a acusar o Papa de heresia contra a doutrina católica. Esses homens e mulheres, na verdade, caem em um contrassenso e em uma notável incoerência, pois não aceitam o próprio Evangelho e o Concílio, quando se sabe que o Papa observa não outra coisa senão “a espiritualidade como seguimento de Jesus” (AQUINO JÚNIOR, 2014, p. 37).

2.1 Igreja em saída para as periferias: Igreja missionária e sinodal

Neste tópico será analisado o que Francisco entende por Igreja missionária¹⁴ e sinodal¹⁵ e, para logr-lo, é importante citar uma declaração contundente do Papa sobre a Igreja: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, 49). Nota-se, portanto, que ele prega a misericórdia como ferramenta pastoral e missionária, bem como a cultura do encontro como alicerce de um autêntico pluralismo, baseado na solidariedade e no diálogo, em prol de uma Igreja capaz de se sensibilizar com “a pior discriminação que sofrem os pobres... a falta de cuidado espiritual” (EG, 200).

Viver a dinâmica de uma Igreja que se deixa evangelizar equivale a descobrir Jesus no rosto dos outros e “aprender a encontrar os demais com atitude adequada, que é valorizá-los e aceitá-los como companheiros de estrada, sem resistências interiores” (EG, 91). Para essa Igreja, a atual sociedade não significa apenas desafio, mas enseja também oportunidades para empreender exames críticos, seja em suas estruturas, seja na pastoral tradicional. Tal Igreja, ajudada pelo Espírito, se afirma como comunidade para o Reino e servidora do mundo, em prol de “renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída de si mesma a fim de evangelizar todos os povos” (EG, 261).

Francisco convoca a Igreja a uma verdadeira conversão pastoral (cf. DAp, 365-379), superando o comodismo, se colocando “em saída”, não para qualquer lugar, mas rumo às periferias geográficas e existenciais (EG, 30). Não sendo autocentrada,

¹⁴ “Essa Igreja, entretanto, não está voltada somente para seus membros, já que constitui a mediação humana dos desígnios salvíficos de Deus para toda a humanidade. [...] A Igreja deve, portanto, pela vida de seus membros, por suas verdades e suas práticas, testemunhar uma sociedade alternativa fundamentada no amor e na justiça. Desse modo o seu sentido, a sua finalidade, o seu existir é estar voltada para a sociedade, servindo-a, humanizando-a, incutindo-lhe os valores evangélicos em obediência ao mandato do Mestre de Nazaré” (MIRANDA, 2021, p. 11).

¹⁵ “Todo fiel cristão, incorporado à comunidade eclesial em virtude do Batismo, torna-se incorporado solidariamente à comunidade responsável, com os demais batizados, por toda a Igreja (LG, 12,17). Se assim não fosse, a Igreja não seria uma Igreja de igrejas, mas uma mera casta de bispos. [...] Tirando as consequências da concepção da Igreja como ‘Povo de Deus’ para um caminhar juntos... A Igreja ‘somos nós’. Segundo a *Lumen Gentium* não há duas categorias de cristãos, mas um único gênero – os batizados, que conformam uma Igreja toda ela ministerial” (AQUINO JÚNIOR, 2022, p. 137-138); “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio.” (FRANCISCO, 2015, s./p.).

mas, pelo contrário, vivendo um processo de descentramento, ela adquire o “cheiro das ovelhas” (EG, 24), o que inclui uma mudança de mentalidade eclesial por parte de todos, especialmente do clero (DAP, 213) e em sua dimensão institucional (DAP, 365), dinâmica acionada pelo que o texto chama de conversão pastoral, uma exigência que aparece claramente mencionada no Documento de Aparecida¹⁶. A opção pelos pobres, situada com centralidade para a vivência do Evangelho, é enfaticamente defendida pelo Papa: “Desejo uma Igreja pobre e para os pobres” (EG, 198). Francisco mostra como “todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres” (EG, 197) e que “sem rodeios existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” (EG, 48).

O Papa Francisco retoma as grandes decisões do Concílio Ecumênico Vaticano II, que enfrentou recuos e interpretações que não traduzem o espírito do que realmente foi pensado e decidido no evento conciliar. Nesse mote, o documento *Evangelii Gaudium* reafirma reiteradas vezes a necessidade da “conversão eclesial” e de uma “reforma perene” da Igreja (EG, 26). Uma Igreja que testemunha e experimenta a fé em Jesus de Nazaré, em que a caridade fraterna constitui sua verdade e seu núcleo (1Jo 4,7).

No livro *a Reforma de Francisco*, o teólogo Mário de França Miranda argumenta:

A intenção do papa em promover a **reforma** na Igreja é bastante clara, expressa no convite a um processo de discernimento, purificação e reforma. Ele aponta falhas na mentalidade de muitos agentes de pastorais na Igreja: individualistas, inseguros, pouco fervorosos, mais administradores que pastores, desanimados, satisfeitos com o “pragmatismo cinzento da vida cotidiana da Igreja”. Igualmente reprova o mundanismo espiritual de “uma fé fechada no subjetivismo”, “enclausurada na imanência da própria razão ou dos sentimentos”, ou ainda numa suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário. [...] O papa denuncia também “um excessivo clericalismo” que marginaliza os leigos, a participação das mulheres na Igreja, esquecendo que “as funções não justificam a superioridade de uns sobre os outros” (2017, p. 126, grifo do autor).

¹⁶ “Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. [...] A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAP, 365; 370).

Ora, a reforma requerida pelo Papa Francisco envolve também “estruturas eclesiais”, acenando para mudanças de mentalidade e posturas que precisam ser superadas para alcançar “uma salutar descentralização” (EG, 16). É fundamental que sejam revistas as “estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador” (EG, 26). Ao assumir a eclesiologia conciliar da “Igreja Povo de Deus”, o Papa insiste na participação de todos os batizados, de todos os fiéis na Igreja, de tal modo que “é muito interessante observar como um conceito tão antigo como sinodalidade seja tão atual. Não há mais espaço para o isolamento” (CARIAS, 2023, p. 45).

Para que haja uma Igreja “em saída” é indispensável haver também uma nova postura, que abdique de qualquer tentativa de retrocesso ou engessamento ao passado, ou ainda que pretenda ser autorreferencial: “Trata também das reformas estruturais ultrapassadas que já não favoreçam a transmissão da fé. Já que todos são missionários, deve a Igreja abrir-lhes espaços de participação” (MIRANDA, 2018, p. 37). Com isso,

[...] A Igreja se concebe como mistério, como povo de Deus no qual a igual de todos é ressaltada, a centralização do governo cede à colegialidade, o laicato emerge como sujeito eclesial e responsável pela missão, a Igreja local desponta tendo suas particularidades respeitadas. Assim, nessa configuração a Igreja se volta para fora de si, para o mundo, participando de suas dores e alegrias e dele aprendendo para melhora realizar sua missão. Igualmente se abre ao diálogo com a cultura moderna, com as outras Igrejas cristãs, com as demais religiões. Deixa de ser uma Igreja autocentrada para ser uma Igreja a serviço da sociedade (MIRANDA, 2017, p. 43-44).

A atualidade, com o magistério do Papa Francisco e acrescida de diversos acontecimentos e processos significativos, se desvela como um momento singular na caminhada da Igreja Católica. Trata-se de um tempo precioso, que pode ser comparado à uma primavera. Com efeito, são muitas as iniciativas de Francisco que demonstram seu desejo de colocar a Igreja nos trilhos da sinodalidade, da missão profética e aberta aos problemas do mundo: uma Igreja verdadeiramente missionária. Isso explica a sua insistência na urgência de um processo de descentramento:

Ele o formula nos termos de “Igreja em saída” (EG 20ss, 48ss) para as “periferias do mundo” (EG 20). É preciso sair, não para qualquer lugar nem

para disputar fiéis com outras Igrejas ou religiões; sair para os lugares onde for dor, sofrimento, miséria, opressão, injustiça e sair para tornar realidade a boa notícia do reinado de Deus (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 34).

O Papa propõe que o querigma seja apresentado com forte ardor, sendo o sustentáculo de uma Igreja fiel ao seu Mestre. Nesse contexto, estar “em saída” equivale a não esquecer que a Igreja não existe para ela mesma. “Alguns resistem a provar até ao fundo o gosto da missão e acabam mergulhados num desânimo paralisador” (EG, 81). A Igreja não deve ser dinamizada e estruturada a partir e em função dela mesma, mas através de sua missão, que é ser instrumento da misericórdia de Deus para a humanidade sofredora. “O tema da missão até mobiliza, desde que entendido como ‘recuperação’ ou ‘conversão’ dos ‘desviados’ ou ‘perdidos’” (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 35).

Levar a sério os desafios da hora presente, assumir as tarefas pastorais adequadas e que ajudem a Igreja a ser no mundo sacramento de salvação, presença solidária junto ao povo marginalizado, casa do diálogo com as culturas, são as condições para que o movimento de renovação ou reforma eclesial desencadeado por Francisco possa se consolidar e produzir frutos.

Não desperdicemos este tempo de graça que o Senhor nos concede. Abrindo-nos à ação do Espírito e deixando-nos conduzir e dinamizar por Ele, em comunhão com Francisco (de Assis e de Roma), façamos tudo o que estiver ao nosso alcance para que nossas comunidades se tornem cada vez mais “Igreja em saída” para as “periferias do mundo”. (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 43).

Conclusão

O intento do presente artigo foi demonstrar a proposta pastoral do Papa Francisco presente na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho), mormente a ideia de uma “Igreja em saída”, que está em profunda sintonia com as afirmações do Concílio Vaticano II, assim como identificar os desafios e os horizontes ínsitos à missão (refugiados, Casa Comum, sinodalidade) e também as resistências a esse projeto eclesial.

Faz-se mister compreender que a eclesiologia do Povo de Deus, proposta pelo Vaticano II e vista como grande novidade, possibilitou o cumprimento da própria finalidade do evento conciliar em superar a atitude de uma Igreja fechada e autocentrada, caminhando na direção de uma Igreja dialogal e missionária. Essa eclesiologia da Igreja Povo de Deus é a teologia que sustenta a proposta apresentada na *Evangelii Gaudium*. Frente a essa exposição, denota-se a existência de linearidades entre o Magistério latino-americano e caribenho e o texto inaugural do pontificado do Papa Francisco. Com efeito, a proposta da “Igreja em saída” está fundamentada em função da reforma da Igreja em saída missionária.

A Igreja que anuncia o Evangelho percebe a necessidade de formar pastores e leigos para que a Palavra de Deus incida mais decisivamente na cultura e no modo de vida das pessoas. O Papa enfatiza a importância decisiva do Espírito Santo na vida da Igreja e, a partir daí, distingue a evangelização vista como um conjunto de tarefas da evangelização com o Espírito. Nesse diapasão, ele denuncia atitudes que diminuem o ardor e o empenho evangelizador, de modo que, para o Bispo de Roma, a Igreja precisa dar testemunho de unidade e de solidariedade. Ela precisa se deixar ser evangelizada e analisar constantemente a si mesma para alcançar uma verdadeira conversão pastoral.

O convite do Papa para uma “Igreja em saída” rumo às periferias é uma convocação para que todo o Povo de Deus saia do comodismo e passe a atuar nas diversas realidades humanas, com o objetivo de passar de uma mentalidade da indiferença para a defesa da solidariedade cósmica e universal.

O Papa Francisco, na hora presente, insiste no movimento de “sair”. Ele já mostrou com palavras e gestos que prefere uma Igreja machucada por andar pelos caminhos rudes do mundo do que uma mofada e doente por se fechar sobre si mesma. O testemunho da “Igreja em saída”, na qual os discípulos missionários atuam *ad intra* e *ad extra*, indo ao encontro dos pobres e marginalizados, das pessoas feridas e caídas pelo caminho, traz esperança para toda a Igreja e motiva a todos a manter as lâmpadas acesas, não se olvidando da profecia.

Referências

ALBERIGO, Giuseppe. **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

AMADO, Joel Portela; FERNANDES, Leonardo Agostini (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC Rio, 2014. (Coleção Fronteiras).

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **A Igreja de Jesus**: missão e constituição. São Paulo: Paulus, 2021.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Igreja dos pobres**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção teologia do Papa Francisco).

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Pastoral Social**. Dimensão socioestrutural da caridade cristã. Brasília: Edições CNBB, 2016.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Renovar toda a Igreja no Evangelho**: Desafios e perspectivas para a conversão pastoral na Igreja. Aparecida: Editora Santuário, 2019.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Teologia em saída para as periferias**. São Paulo: Paulinas; Pernambuco: UNICAP, 2019.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Viver segundo o espírito de Jesus Cristo**: Espiritualidade como seguimento. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção teologia no espírito).

AQUINO JÚNIOR, Francisco de; PASSOS, João Décio. (Orgs.). **Por uma Igreja Sinodal**: reflexões teológico-pastorais. São Paulo: Paulinas, 2022.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja no Brasil**: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo. Petrópolis: Vozes, 1986.

BEOZZO, José Oscar. **Pacto das Catacumbas**: Por uma Igreja servidora e pobre. São Paulo: Paulinas, 2015.

Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

BRIGHENTI, Agenor. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção Revisitar o Concílio).

CARIAS, Celso Pinto. **Por uma paróquia sinodal**: projeto pastoral. Petrópolis: Vozes, 2023.

COMPÊNDIO VATICANO II. Constituições, decretos e declarações. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Documento de Aparecida**. Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007. São Paulo: Paulinas, Paulus; Brasília: Edições CNBB, 2008.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Documento de Puebla**. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões do III CELAM – Texto oficial. 3ª edição. São Paulo: Paulinas, 1979.

DOMEZI, Maria Cecília. **O Concílio Vaticano II e os pobres**. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Marco conciliar).

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS (FIUC). **50 anos após o Concílio Vaticano II**: Teólogos do mundo inteiro deliberam. Tradução de Dinorah Gondim Borges. São Paulo: Paulinas, 2017.

LORSCHIEDER, Aloísio *et. al.* **Vaticano II**: 40 anos depois. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Comunidade e missão).

MIRANDA, Mario de França. **A Igreja que somos nós**. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção ecclesia XXI).

MIRANDA, Mario de França. **A reforma de Francisco**: fundamentos teológicos. São Paulo: Paulinas, 2017. (Coleção Francisco).

MIRANDA, Mario de França. **Igreja sinodal**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção teologia do Papa Francisco).

MULLER, Gerard Ludwig. **Pobre e para os pobres**: a missão da Igreja. Tradução de Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção teorema)

PAPA FRANCISCO. **Comemoração do Cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos**. Discurso do Santo Padre Francisco. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 17.jun.2023.

PAPA FRANCISCO. **Discurso do Santo Padre em visita ao bairro pobre de Kangemi**. Nairobi (Quênia), 27 de novembro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151127_kenya-kangemi.html. Acesso em: 20.jun.2023.

PAPA FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica A Alegria do Evangelho, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAPA FRANCISCO. **Homilia do Santo Padre Francisco em visita à Ilha de Lampedusa**, Itália, 8 de julho de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html. Acesso em: 20.jun.2023.

PAPA FRANCISCO. **Misericórdia et Misera**. Carta apostólica no término do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2016.

PAPA FRANCISCO. **Misericordiae Vultus**. O rosto da misericórdia. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015.

VALENTINI. Demétrio. **Revisitar o Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção revisitar o Concílio).

SIGLAS E ABREVIATURAS

1Jo – Primeira Carta de São João

DAp – Documento de Aparecida

EG – *Evangelii Gaudium*

GS – *Gaudium et Spes*

Hb – Carta aos Hebreus

Jo – Evangelho de João

Lc – Evangelho de Lucas

LG – *Lumen Gentium*

Mc – Evangelho de Marcos

MM – *Misericordia et Misera*

Mt – Evangelho de Mateus

MV – *Misericordiae Vultus*

Rm – Carta aos Romanos

Recebido em: 06/09/2023
Aprovado em: 27/09/2023